

## E'THICA PEDAGO'GICA

Como instituição social que é, a escola participa da natureza do povo que a criou e em cujo seio funciona; os prejuízos desse povo serão nella encontrados; as aspirações, que estimulam a vida escolar, hão de provir da alma do povo. Filha legítima, afagada nos sonhos e afeiçoada aos costumes dos paes, deve parecer-se com eles nas exterioridades que os revestem e nas tendências que os animam. A escola é o povo que a fez, circumscripto nos limites de uma sala. Mas as influencias da civilização exterior são mais prontas e mais rápidas nesse ambiente de estudos; e, por isso, a escola avança mais depressa que o povo, e, sem deixar-lhe a companhia, ao invês de conduzida, faz-se conductora:-guia sua gente e ilumina-lhe os passos. Com vagar, sem choques e sem violências, modifica outras instituições sociaes, e impulsiona assim o progresso.

Sem ensino organizado, o povo effectuaria as melhoras que a natureza procura realizar, através do tempo, pelos processos ferozes da luta e da seleção; seria uma elaboração lenta e penosa, que a escola, entretanto, apressa e suaviza. A capacidade de prever, que o conhecimento do passado referido ás condições presente lhe dá, arma a escola de recurso inestimável com o qual ella vae ao encontro dos pequeninos e antecipa um preparo para condições de um futuro próximo, preparo que a experiência pessoal de cada um iria prover. São as experiências acumulada pelos séculos, no domínio das sciencias, das artes e da moral, que, reunidas e ordenadas em um programma simples, passam do mestre para o alumno, sem custo e com agrado. A economia de tempo e de esforço, assim realizada, faz da escola uma bençã.

Esta obra de perseverança e previdência visa, antes de tudo, o character moral do indivíduo: e o character moral só se desenvolve através da educação. Elle controla impulsos egoísticos e tendências primitivas. Outrora, a vista do alimento attrahia o homem para ele, sem peias nem constrangimento; agora, educado já, lembra-se que o alimento é de outrem, e inibe o impulso;- e assim se exerce o controle moral. Poucas vezes temos hoje que inibir impulsos semelhantes, “porque a tendência a respeitar os direitos alheios, de tal forma se estratificou em nosso systema nervoso, que bem raro se fazem elles sentir.” Si se manifestam, como desejos individuaes, inibi-los ou desviá--los é renúncia; e a renúncia sempre se justifica si feita em favor da coletividade. Ora, si a educação conduz o indivíduo á renúncia de interesses pessoais seus, damnosos, porém, aos outros, segue-se que o fim moral da educação confunde-se com seu fim social. E assim é. Mas, si o homem é educação para viver em sociedade, não se lhe deve tirar o justo equilíbrio entre as necessidades próprias e as exigências sociaes. Os excessos prejudicam: “a coragem pode fazer-se temeridade, a temperatura passar ao ascetismo, o entusiasmo engendrar fanatismo e a virtude degenerar em

vícios.” Quando o controle annulla completamente os impulsos instinctivos, falha em seu propósito: controlar é regular, e, neste caso, equilibrar; não é annullar.

Não se limita a função da escola a esta face negativa da virtude; ella estimula as atividades uteis e os sentimentos altruísticos. E’ a face propulsora do character moral, definida por Bagley como força que impede o indivíduo de ser um fardo para a sociedade. “A cada um cumpre realizar sua tarefa.” E, para assim agir, o homem se faz um agente productor ou inspira e guia outros factores de produção; empenhado nos próprios deveres, ele não impedirá os esforços de outros que também têm os seus a cumprir; fazendo a sua parte e não impedindo, antes auxiliando, os que mal suportam seu encargo, ele consciente e persistentemente se empenhará pela realização do progresso em todas as manifestações da atividade particular ou social. E, de tal modo, “a escola não prepara o indivíduo para a vida do passado, nem para um futuro remoto e utópico, mas para dias próximos, cujas condições podem ser preditas com relativa segurança. Si falhar neste intento, ella não poderá justificar sua existência.”

\*\*\*

São linhas communs a todas as escolas os conceitos atraz emitidos acêrca de seu papel como agentes da adaptação social. Esse e mais o aspecto local, que ellas devem forçosamente revestir, exigem do mestre de crianças cuidados elementares, conhecimentos geraes e um treino técnico apurado. Enumerêmo-los como pontos de apoio da ética pedagógica. 1.º) A apparencia pessoal do mestre exerce nos pequeninos grande influencia: é um dever fazê-la agradável quanto possível. 2.º) A escola asseada, bonita e alegre attráe os alumnos; a vida ahi é o início da vida social: ao sahirem della não encontrarem os alumnos um mundo radicalmente diverso daquelle em que estavam vivendo. 3.º) o ânimo e a perseverança do mestre, sua conducta na escola e fora della são modelos que as crianças copiam: nenhum mestre, pois, de bôa consciência dará exemplos máus.

Em relação aos conhecimentos, é indispensável fazer -1.º) a melhor cultura mental possível: a língua-materna, o cálculo, a geographia geral, a história do mundo, elementos de physica, de química, de história natural devem ser familiares ao professor primário, a cujo espírito uma literatura sadia dará o frescor das ideias e a suavidade dos sentimentos. 2.º) O conhecimento cabal do paiz, quer sob o ponto de vista puramente geográfico e histórico, quer sob o aspecto dynâmico de suas tendências econômicas e sociaes, é condição indispensável á criação, vulgarização e propaganda dos ideaes da nacionalidade. 3.º) A leitura de jornaes e revistas põe o mestre ao corrente do que se passa no mundo, e impede-o de considerar a pátria como terra e gente isoladas de outras terras e de outras gentes; mostra-lhe, ao contrário, a interdependência estreita em que vivem os povos.

O treino técnico reclama antes de tudo: 1.º) o conhecimento da alma da criança e do modo pelo qual ella se desenvolve, -da argilla que o mestre vae modelar. Uma psychologia, sem recheios philosophicos, sem especulações escolásticas, sem preocupações formaes, -uma psychologia que nos mostre a mente verdolenga, crescendo e sazizando, com a seiva das impressões sensoriaes, ao calor ambiente do lar, da escola e da sociedade, é, nas lides educativas, instrumento de inestimavel valor. 2.º) Depois, impõe-se o conhecimento do povo:

quem ele foi e quaes as fontes de onde veio; quem ele é, e como veio até aqui; quem deverá ser, e como ir até lá. Uma visão synthética da alma nacional, bebida em obra clara e segura, dá o rumo á marcha da escola. Sem estas ideias directrizes, o mestre é um cego a guiar um grupo de ceguinhos. 3.º) Ainda esta exigência: um completo domínio sobre a didáctica. Conhecemos a criança e conhecemos os fins da educação, restanos saber, com pormenores, o modo de apresentar os assumptos do programma e de encaminhar o seu desenvolvimento. E' de rigor, na escola primária, que o mestre seja o compêndio vivo de seus alumnos, todas as vezes que escassearem as fontes directas da observação.

Em toda parte do mundo, nestes dias que correm, floresce e frutifica, no ânimo das nações, o propósito de alicerçar sua grandeza na educação popular; e onde mais fundo penetra o ânimo dos governos o desejo de fazer a gente livre e a terra próspera, os cuidados escolares tomam a frente a outros cuidados administrativos. Aqui, é consolador o movimento que se nota de sul a norte. As administrações, convencidas de que só há um caminho para a felicidade dos povos, appellam para os mestres, cujos serviços reclamam, e estes iniciam já a luminosa cruzada. Pobres, em regra, recebem dos impostos o pão para a bôca; mas, honestos e cultos, darão em troca, a centenas de crianças que os cercam, o melhor pão do espírito que sua inteligência e seu coração saibam preparar.

TOLEDO, João. **Escola Brasileira**: Desenvolvimento do Programma de Pedagogia em Vigor nas Escolas Normaes. São Paulo: Imprensa Methodista, 1925. p. 355-360.